Coleção PENSAMENTO CRÍTICO
Vol. 11

Ficha catalográfica

(Preparado pelo Centro de Catalogação-na-fonte do
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ)

T772h

Trotsky, Leon, 1879-1940.
A História da Revolução russa; tradução de E. Huggins, 3ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

3v. (Pensamento crítico, v. 11)

Do original em inglês: The history of the Russian Revolution.

Apêndices

Conteúdo. – v. 1 A queda do tzarismo. – v.2 A tentativa de contra-revolução. –v. 3 O triunfo dos sovietes.

1. Rússia – História – Revolução, 1917-1921 I. Título II. Série

CDD – 947.084

76-0609 947"1917/1921"

EDITORA PAZ E TERRA
Conselho Editorial

Antonio Callado Celso Furtado
Fernando Gasparian
Fernando Henrique Cardoso

LEON TROTSKY

A HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO RUSSA

TRADUÇÃO DE E. HUGGINS

PRIMEIRO VOLUME

3ª edição

BIBLIOTECA LETRAS E ARTES
DOAÇÃO DE

Tombo:23075
SBD-FFLCH-USP

Paz e Terra

Capítulo I

PECULIARIDADES DO DESENVOLVIMENTO DA RÚSSIA

O TRAÇO essencial e o mais constante da História da Rússia é a lentidão com que o país se desenvolveu, apresentando como conseqüência uma economia atrasada, uma estrutura social primitiva e baixo nível cultural.

A população da gigantesca planície, com seu clima rigoroso, exposta ao vento leste e às migrações asiáticas, estava destinada, pela própria natureza, a uma prolongada estagnação. A luta contra os nômades durou quase até o fim do século XVII. E, ainda hoje, não encontrou fim a luta contra os ventos portadores de espêssa neblina, no inverno, e da sêca, no estio. A agricultura — base de todo o desenvolvimento — progredia de maneira extensiva: no Norte cortavam-se e queimavam-se florestas; no Sul desorganizavam-se as estepes virgens. Tomava-se posse da natureza em extensão e não em profundidade.

Na época em que os bárbaros ocidentais se instalavam sôbre as ruínas da civilização romana e utilizavam tanto pedras antigas como material de construção, os eslavos do Oriente, em suas inóspitas planícies, nada encontravam para herdar: o nível de seus predecessores era ainda mais baixo que o seu. Os povos da Europa Ocidental, cedo bloqueados em suas fronteiras naturais, criavam as aglomerações econômicas e culturais das cidades industriais. A população da planície oriental, tão logo se sentia comprimida, embrenhava-se nas florestas ou então emigrava para a periferia, nas estepes. Os elementos camponeses mais dotados de iniciativa e mais empreendedores transformavam-se, no lado oeste, em cidadãos, artífices, mercadores. No leste, certos elementos nativos, audaciosos, estabeleceram-se como comerciantes, porém em maior número fizeram-se cossacos, guardas-fronteiras ou colonos. O *processus* de diferenciação social, intenso no ocidente, retardava-se no oriente e se difundia por expansão. "O tzar de Moscóvia — apesar de cristão — governa um povo de espírito preguiçoso", escrevia Vico, contemporâneo de Pedro I. O espírito "preguiçoso" dos moscovitas era um reflexo do ritmo lento da evolução econômica, das relações amorfas entre as classes, da indigência de sua história interior.

As civilizações antigas do Egito, da Índia e da China tinham um caráter suficientemente autônomo e, por medíocres que fôssem

as suas possibilidades de produção, dispuseram de tempo bastante para elaborar relações sociais tão bem acabadas em seus detalhes quanto os trabalhos dos artífices dêsses países. Tanto pela sua história quanto pela vida social, e não sòmente devido à sua posição geográfica, a Rússia ocupava, entre a Europa e a Ásia, uma situação intermediária. Diferenciava-se do Ocidente, europeu, mas também diferia do Oriente, asiático, embora aproximando-se em alguns períodos, em vários aspectos, ora de um ora de outro. O Oriente impôs o jugo tártaro, que entrou como elemento importante na edificação do Estado russo. O Ocidente era um inimigo ainda mais temível que o Oriente, ao mesmo tempo que um mestre. Não foi possível à Rússia formar-se segundo os moldes do Oriente, compelida como estava em acomodar-se à pressão militar e econômica do Ocidente. A existência do feudalismo na Rússia, negada pelos antigos historiadores, pode ser considerada como incontestàvelmente demonstrada pelos estudos mais recentes. Ainda melhor: os elementos essenciais do feudalismo na Rússia eram os mesmos existentes no Ocidente. O fato de terem sido necessárias longas discussões científicas para demonstrar a existência de uma época feudal na Rússia trouxe também a prova de que o feudalismo russo nasceu prematuramente e que revelava formas indefinidas e pobres quanto aos monumentos de sua cultura.

Um país atrasado assimila as conquistas materiais e ideológicas dos países adiantados. Não significa isto, porém, que siga servilmente êstes países, reproduzindo tôdas as etapas de seu passado. A teoria da repetição dos ciclos históricos — a de Vico e, mais tarde, de seus discípulos — baseia-se na observação dos ciclos percorridos pelas velhas estruturas pré-capitalistas e, parcialmente, sôbre as primeiras experiências do desenvolvimento capitalista. O caráter provincial e transitório de todo *processus* admite, efetivamente, certas repetições das fases culturais em meio ambiente sempre novos. O capitalismo, no entanto, marca um progresso sôbre tais condições. Preparou e, em certo sentido, realizou a universalidade e a permanência do desenvolvimento da humanidade. Fica, assim, excluída a possibilidade de uma repetição das formas de desenvolvimento em diversas nações. Na contingência de ser rebocado pelos países adiantados, um país atrasado não se conforma com a ordem de sucessão: o privilégio de uma situação històricamente atrasada — e êste privilégio existe — autoriza um povo ou, mais exatamente, o força a assimilar todo o realizado, antes do prazo previsto, passando por cima de uma série de etapas intermediárias. Renunciam os selvagens ao arco e à flecha e tomam imediatamente o fuzil, sem que necessitem percorrer as distâncias que, no passado, separaram estas diferentes armas. Os europeus que colonizaram a América não recomeçaram ali a História desde seu início. Se a Alemanha e os Estados Unidos ultrapassaram econômicamente a Inglaterra, isso se deveu exatamente ao atraso na evolução capitalista daqueles dois países. Em compensação, a anarquia conservadora que reina na indústria carbonífera britânica, como

no cérebro de Mac Donald e seus amigos, é o resgate de um passado durante o qual a Inglaterra — e por muitos anos — manteve a hegemonia do capitalismo. O desenvolvimento de uma nação històricamente atrasada conduz, necessàriamente, a uma combinação original das diversas fases do *processus* histórico. A órbita descrita toma, em seu conjunto, um caráter irregular, complexo, combinado.

A possibilidade de superar os degraus intermediários não é, está claro, absoluta; realmente, está limitada pelas capacidades econômicas e culturais do país. Um país atrasado freqüentemente rebaixa as realizações que toma de empréstimo ao exterior para adaptá-las à sua própria cultura primitiva. O próprio processo de assimilação apresenta, neste caso, um caráter contraditório. Foi êste o motivo pelo qual, na Rússia, a introdução de elementos da técnica e do saber ocidentais e, sobretudo, da arte militar e da manufatura, sob Pedro I, agravou a lei de servidão, na medida que representava a forma essencial da organização do trabalho. O armamento segundo os moldes europeus e os empréstimos feitos à Europa, nos mesmos moldes — incontestáveis resultados de uma cultura mais adiantada — conduziram ao fortalecimento do tzarismo que, de seu lado, refreava o desenvolvimento do país.

As leis da História nada têm em comum com os sistemas pedantescos. A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do *processus* histórico, evidencia-se com maior vigor e complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o chicote das necessidades externas, a vida retardatária vê-se na contingência de avançar aos saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei que, por falta de denominação apropriada, chamaremos de *lei do desenvolvimento combinado*, que significa aproximação das diversas etapas, combinação das fases diferenciadas, amálgama das formas arcaicas com as mais modernas. Sem esta lei, tomada, bem entendido, em todo o seu conjunto material, é impossível compreender a história da Rússia, como em geral a de todos os países chamados à civilização em segunda, terceira ou décima linha.

Sob a pressão da Europa mais rica, o Estado russo, em comparação com o Ocidente, absorvia uma parte proporcional bem maior da riqueza pública, e, dêsta forma, não apenas condenava as massas populares a uma redobrada miséria, mas ainda enfraquecia as bases das classes possuidoras. Tendo porém o Estado necessidade do apoio destas últimas, apressava e regulamentava sua formação. Como resultado, as classes privilegiadas, burocratizadas, jamais conseguiram erguer-se em tôda a sua pujança, e o Estado russo não fêz senão aproximar-se ainda mais dos regimes despóticos da Ásia. A autocracia bizantina, adotada oficialmente pelos tzares moscovitas no início do século XVI, submeteu os grandes senhores feudais boiardos com o auxílio da nobreza, e dominou-os transformando em servos a classe camponesa e erigindo-se por tais meios em monarquia absoluta: o absolutismo de São Petersburgo. O atraso no conjunto do processo está suficientemente caracterizado pelo fato de o direito de servidão, surgindo em fins

do século XVI, estabelecido no século XVII, ter atingido o pleno desenvolvimento no século XVIII, sendo juridicamente abolido apenas em 1861.

O clero, após a nobreza, desempenhou, na formação da autocracia tzarista, um papel bastante apreciável, se bem que apenas de um funcionalismo. A Igreja não alcançou na Rússia a fôrça dominadora idêntica à do Catolicismo no Ocidente; contentou-se com a condição de domesticidade espiritual ao lado dos autocratas, do que tirava mérito de humildade. Os bispos e arcebispos só dispunham de certo poder, a título de subalternos da autoridade civil. Os Patriarcas eram substituídos sempre que um nôvo tzar assumia o poder. Quando a capital se estabeleceu em Petersburgo, a dependência da Igreja ao Estado tornou-se ainda mais servil. Duzentos mil padres seculares e monjes integraram parte da burocracia, espécie de polícia de confessionário. Em retribuição, o monopólio do clero ortodoxo nas questões de fé, suas terras e seus rendimentos estava sob a proteção da política geral.

O eslavofilismo, messianismo de um país atrasado, edificava sua filosofia sôbre a idéia de que o povo russo e sua Igreja eram profundamente democratas, enquanto que a Rússia oficial era uma burocracia alemã, implantada por Pedro I. Marx observou sôbre êste assunto: "Foi assim que os asnos da Teutônia fizeram recair a responsabilidade do despotismo de Frederico II sôbre os franceses, como se escravos atrasados não tivessem sempre necessidade do auxílio de outros escravos mais civilizados para o seu indispensável aprendizado." Esta breve observação atinge até o fundo não apenas a velha filosofia eslavófila como também tôdas as descobertas contemporâneas dos "racistas".

A indigência, traço característico não sòmente do feudalismo russo porém de tôda a história da antiga Rússia, encontrou a sua mais triste expressão na falta de cidades do verdadeiro tipo medieval, como centros de artífices e mercadores. O artesanato, na Rússia, não conseguiu desvincular-se da agricultura e conservou o caráter de pequenas indústrias locais. As cidades russas de outrora eram centros comerciais, militares, administrativos, centros portanto de consumo e não de produção. Novgorod * mesmo, que fazia parte da Liga Hanseática e que jamais conhecera o jugo tártaro, era uma cidade comercial e não industrial. É verdade que as pequenas indústrias rurais, espalhadas pelas diversas regiões do país, exigiam os serviços intermediários de um comércio bastante extenso. Os mercadores nômades, porém, não podiam de modo algum ocupar, na vida social, um lugar idêntico ao ocupado no Ocidente pela pequena e média burguesia das corporações de artífices, de comerciantes e industriais, burguesia que estava indissolùvelmente ligada à periferia rural. Além disso, as principais vias de comunicação do comércio russo conduziam ao estrangeiro, garantindo, desde séculos

* Nijinski-Novgorod passou depois a chamar-se Stalingrado e hoje se chama Volgograd. [*N. da E.*]

remotos, um papel dirigente ao capital comercial externo e emprestando um caráter semicolonial a qualquer movimento de negócios nos quais o mercador russo servia apenas de intermediário entre as cidades do Ocidente e as aldeias russas. Tais relações econômicas continuaram a se desenvolver na época do capitalismo russo e encontraram sua mais alta expressão na guerra imperialista.

A insignificância das cidades russas contribuiu ao máximo para a formação de um Estado de tipo asiático, e excluía em particular a possibilidade de uma reforma religiosa, isto é, a substituição da ortodoxia burocrática feudal por outra forma de cristianismo mais moderno, adaptado às necessidades da sociedade burguesa. A luta contra a Igreja do Estado não foi além da formação de seitas de camponeses, das quais a mais poderosa foi a dos "Velhos Crentes".

Quinze anos antes da grande Revolução Francesa rebentou, na Rússia, um movimento de cossacos, de camponeses e de servos operários no Ural, denominado Revolta de Pugachev. Que faltou para que êste terrível movimento popular se transformasse em revolução? Um Terceiro Estado. Na falta de uma democracia industrial nas cidades, a guerra camponesa não se poderia transformar em revolução assim como as seitas religiosas das aldeias não puderam atingir a Reforma. O resultado da Revolta de Pugachev foi, contràriamente, conseguir consolidar o absolutismo burocrático que protegia os interêsses da nobreza, guardiã que demonstrou novamente o quanto valia em hora de perigo.

A europeização do país, iniciada quanto à forma sob Pedro I, transformou-se dia a dia, no século seguinte, numa necessidade para a classe dirigente, isto é, para a nobreza. Em 1825 os intelectuais pertencentes à casta, dando expressão política a esta necessidade, chegariam a uma conspiração militar cuja finalidade era restringir a autocracia. Impulsionados pela burguesia européia que se desenvolvia, os elementos mais avançados da nobreza tentavam suprir o Terceiro Estado que faltava. Entretanto, era intenção dêles combinar o regime liberal com as bases da dominação de casta e foi por êste motivo que temeram sublevar os camponeses. Não é de admirar, portanto, que esta conjuração tenha sido obra de um grupo brilhante, porém isolado, de oficiais sacrificados sem quase combater. Tal é o sentido da revolta dos decembristas.

Os nobres, proprietários de fábricas, foram os primeiros, em suas castas, a opinar pelo salário livre em substituição ao trabalho de servo. Eram igualmente levados a tais medidas devido à exportação crescente do trigo russo. Em 1861 a burocracia nobre, apoiando-se sôbre os proprietários liberais, efetuou a reforma camponesa. Impotente, o liberalismo burguês assistiu a esta operação reduzido a um côro dócil. Inútil dizer que o tzarismo resolveu o problema essencial da Rússia — a questão agrária — de forma ainda mais ladra e fraudulenta do que a empregada pela monarquia prussiana, nos dez anos que se seguiram, a fim de resolver o

problema essencial da Alemanha — a unificação nacional. Uma classe tomar a si o encargo de resolver os problemas de outra classe é uma das muitas combinações próprias de países atrasados.

A lei do desenvolvimento combinado está demonstrada como sendo a mais incontestável na história e no caráter da indústria russa. Tardiamente nascida, essa indústria não percorreu, desde o início, o ciclo dos países adiantados, porém nêles se incorporou, adaptando ao seu estado atrasado as conquistas mais modernas. Se a evolução econômica da Rússia, em conjunto, passou por cima de períodos do artesanato corporativo e da manufatura, muitos de seus ramos industriais pularam parcialmente alguma etapa da técnica, que exigiram, no Ocidente, dezenas de anos. Como conseqüência, a indústria russa desenvolveu-se em certos períodos com extrema rapidez. Entre a primeira revolução e a guerra a produção industrial da Rússia quase dobrou. Julgaram alguns historiadores russos ser isto motivo suficiente para concluir que era necessário abandonar a lenda de um país atrasado e de lento progresso do país.[1] Na realidade, a possibilidade de um progresso assim rápido era precisamente determinada pelo estado atrasado do país, que, infelizmente, não apenas subsistiu até a liquidação do antigo regime mas que, como sua herança, perdura até hoje.

O mensurador essencial do nível econômico de uma nação é a produtividade do trabalho, o qual, por sua vez, depende do pêso específico da indústria na economia geral do país. Nas vésperas da guerra, quando a Rússia dos tzares alcançara o apogeu de sua prosperidade, a renda pública *per capita* era oito a dez vêzes inferior à dos Estados Unidos, o que não surpreende se considerarmos que 4/5 da população obreira russa, trabalhando por si mesma, compunham-se de camponeses, enquanto que, nos Estados Unidos, a proporção era de um camponês para 2,5 operários industriais. Acrescentemos que nas vésperas da guerra a Rússia possuía 400 metros de linha férrea para cada 100 km², enquanto que, na Alemanha, esta proporção era de 11,7 km para a mesma extensão e, na Áustria-Hungria, era de 7 km. Os demais coeficientes comparativos estão na mesma proporção.

Como já dissemos, é precisamente no domínio da economia que a lei da evolução combinada se manifesta com maior fôrça. Enquanto que a agricultura camponesa, até a Revolução, em sua maior parte, permanecia quase no mesmo nível do século XVII, a indústria russa, quanto à técnica e sua estrutura capitalista, encontrava-se no mesmo nível dos países adiantados e, mesmo sob alguns aspectos, os ultrapassava. Em 1914 as pequenas indústrias com menos de 100 operários representavam, nos Estados Unidos, 35% do efetivo total dos operários de indústrias, ao passo que na Rússia a proporção era de 17,8%. Admitindo-se um pêso específico aproximadamente igual para as emprêsas médias e grandes, ocupando de 100 a mil

1. A afirmação é do Professor M. N. Pokrovsky. Ver Apêndice I.

operários, as emprêsas gigantes, que ocupavam mais de mil operários cada uma, empregavam, nos Estados Unidos, apenas 17,8 da totalidade dos operários, enquanto que na Rússia a proporção era de 41,4%. Nas principais regiões industriais a percentagem era ainda mais elevada: na região de Petrogrado, 44,4%; na região de Moscou, 57,3%. Chegaremos aos mesmos resultados se estabelecermos uma comparação entre a indústria russa e a indústria britânica ou a alemã. Êste fato apresentado pela primeira vez por nós em 1908, dificilmente poderia ser inserido na representação banal que nos dão de uma economia atrasada na Rússia. Entretanto, não nega o caráter retardatário do país, oferecendo apenas um complemento dialético.

A fusão do capital industrial com o capital bancário efetuou-se na Rússia, de forma tão integral como talvez não se tenha visto semelhante em qualquer outro país. A indústria russa, porém, subordinando-se aos bancos, demonstrava efetivamente sua submissão ao mercado monetário da Europa Ocidental. A indústria pesada (metais, carvão, petróleo) estava quase inteiramente sob o contrôle financiador estrangeiro que criara, na Rússia, para uso próprio uma rêde de bancos auxiliares e intermediários. A indústria leve seguia o mesmo caminho. Se os estrangeiros possuíam, no total, mais ou menos 40% de todos os capitais investidos na Rússia, esta percentagem nos ramos principais da indústria era bem mais elevada. Pode-se afirmar, sem receio de exagêro, que o centro de contrôle das ações emitidas pelos bancos, pelas fábricas e manufaturas russas encontrava-se no estrangeiro e a participação da Inglaterra, da França e da Bélgica no capital atingia o dôbro da participação alemã.

As condições em que se organizou a indústria russa, a própria estrutura desta indústria, determinaram o caráter social da burguesia do país e sua fisionomia política. A forte concentração da indústria demonstra por si mesma que entre as esferas dirigentes do capitalismo e as massas populares não existia hierarquia intermediária. A isto se soma o fato de serem as mais importantes emprêsas industriais, bancárias e de transportes propriedade de estrangeiros, que não sòmente auferiam lucros sôbre a Rússia mas ainda por cima fortaleciam a própria influência política nos parlamentos de outros países, razão pela qual, em vez de fomentar a luta pelo regime parlamentar, na Rússia, a tal se opunham não raras vêzes. Basta lembrar aqui o papel abominável desempenhado pela França oficial. Foram estas as causas elementares e irredutíveis do isolamento político da burguesia russa e de sua atitude contrária aos interêsses populares. Se na aurora de sua história, mostrou-se muito pouco amadurecida para realizar uma reforma, ainda mais se encontrava quando chegou o instante de dirigir a revolução.

De acôrdo com a evolução do país, o reservatório de onde saía a classe operária russa não era um artesanato corporativo: era o meio rural; não a cidade, mas a aldeia. É preciso notar que o operariado russo se formou não paulatinamente, no decurso dos séculos, ar-

rastando o enorme fardo do passado, como na Inglaterra, mas sim aos saltos, por meio de transformações bruscas das situações, de ligações, acôrdos e, ainda, por meio de ruturas violentas com tudo o que, na véspera, existia. Foi precisamente assim — sobretudo durante o regime da opressão concentrada do tzarismo — que os operários russos puderam assimilar as deduções mais ousadas do pensamento revolucionário da mesma forma que a retardatária indústria russa era capaz de compreender a última conquista da organização capitalista.

O proletariado russo recomeçava sempre a curta história de suas origens. Enquanto que na indústria metalúrgica, sobretudo em Petrogrado, se cristalizava o elemento proletário de procedência autêntica — aquêle que, definitivamente, rompera com a aldeia — nos Urais predominava ainda o tipo meio proletário meio camponês. O afluxo anual da mão-de-obra, oriunda dos campos, para todos os ramos da indústria, restabelecia o contato entre o proletariado e o reservatório social de onde se originava.

A incapacidade política da burguesia era diretamente determinada pelo caráter de suas relações com o proletariado e os camponeses. Não era possível arrastar consigo os operários que a ela se opunham rancorosamente na vida cotidiana e que, muito cedo, aprenderam a dar um sentido mais geral aos seus objetivos. Por outro lado a burguesia era igualmente incapaz de arrastar a classe camponesa porque estava enredada nas malhas de interêsses comuns com os proprietários de terras e porque temia um abalo da propriedade sob qualquer forma em que se apresentasse. Se, portanto, a revolução russa tardou em rebentar, não foi tão-sòmente por motivo cronológico: a culpa desta demora cabe também à estrutura social da nação.

Quando a Inglaterra realizou a sua revolução puritana, a população do país não ia além de 5 1/2 milhões de habitantes, dos quais meio milhão vivia em Londres. A França, por ocasião de sua revolução, contava com apenas meio milhão de habitantes em Paris, contra 25 milhões da população total. A Rússia, no princípio do século XX, possuía mais ou menos uma população de 150 milhões de habitantes, dos quais mais de 3 milhões fixados em Moscou e Petrogrado. Êstes dados comparados encobrem ainda dissemelhanças sociais da maior importância. Não sòmente a Inglaterra do século XVII, mas também a França do XVIII ignoravam o proletariado conhecido em nossa época. Ora, na Rússia, a classe operária em todos os setores de trabalho, nas cidades e nos campos, contava já em 1905 com pelo menos 10 milhões de pessoas, o que, compreendendo suas famílias, representava mais de 25 milhões — ou seja, mais do que a população da França na época da sua grande Revolução. Partindo dos rudes artesãos e dos camponeses independentes que formaram o exército de Cromwell — passando em seguida pelos *sans-culottes* de Paris — para chegar aos proletários industriais de S. Petersburgo, a Revolução teve que modificar profundamente seu mecanismo social, seus métodos e, por conseguinte, seus desígnios.

Os acontecimentos de 1905 foram o prólogo das duas revoluções de 1917 — a de Fevereiro e a de Outubro. O prólogo já continha todos os elementos do drama que, entretanto, ainda não estava terminado. A guerra russo-japonêsa abalou o tzarismo. Utilizando o movimento de massas como alavanca, a burguesia liberal abalou a Monarquia devido a sua oposição. Os operários organizavam-se independentemente da burguesia, opondo-se mesmo a ela em soviets, aparecidos pela primeira vez. A classe camponesa, numa extensão imensa do território, levantava-se para a conquista das terras. Assim como os camponeses, alguns efetivos revolucionários, no Exército, se voltaram para os sovietes que, no momento em que o impulso revolucionário era mais forte, disputaram abertamente o poder à Monarquia. Entretanto, tôdas as fôrças revolucionárias manifestavam-se, pela primeira vez, carecendo de experiência e sem confiança em si mesmas. Os liberais afastaram-se ostensivamente da revolução logo se tornou evidente não ser suficiente apenas abalar o trono mas que seria necessário derrubá-lo. A rutura brutal entre a burguesia e o povo, tanto mais que a burguesia arrastava consigo grupos consideráveis de intelectuais democratas, facilitou à Monarquia sua obra de desagregação no Exército, a triagem de contingentes fiéis e ainda a repressão sangrenta contra os operários e os camponeses. O tzarismo saiu de seus sofrimentos de 1905 vivo, suficientemente vigoroso, apesar de algumas de suas costelas terem ficado quebradas.

Durante os onze anos intermediários entre o prólogo e o drama, quais foram as modificações provocadas pela evolução histórica na correlação das fôrças? Durante êste período o regime tzarista conseguiu ainda mais colocar-se em contradição com as exigências históricas. A burguesia tornara-se econômicamente mais poderosa, mas seu poder, conforme vimos, repousava sôbre a concentração mais forte na indústria e sôbre a importância crescente do papel representado pelo capital estrangeiro. Influenciada pelas lições de 1905, tornou-se a burguesia ainda mais desconfiada e conservadora. O pêso específico da pequena e média burguesia, anteriormente insignificante, diminuiu ainda mais. Os intelectuais democratas não tinham, em geral, base social estável. Podiam exercer transitòriamente certa influência política mas não podiam desempenhar papel independente: a sujeição dos intelectuais ao liberalismo burguês tinha-se agravado extraordinàriamente. Nestas condições sòmente o jovem proletariado poderia dar à classe camponesa um programa, uma bandeira, uma direção. Os grandiosos problemas que se lhe apresentam exigiam a criação inadiável de uma organização revolucionária especial que pudesse englobar as massas populares e tornálas capazes de uma ação revolucionária sob a direção dos operários. Foi assim que os sovietes de 1905 alcançaram em 1917 um formidável desenvolvimento. Note-se que os sovietes não são simplesmente um produto do atraso histórico da Rússia, mas sim o resultado de

um desenvolvimento combinado, e isto é comprovado pelo fato de o proletariado do país mais industrializado do mundo, a Alemanha, não ter encontrado, na época do impulso revolucionário de 1918 a 1919, outra forma de organização senão a dos sovietes.

A revolução de 1917 tinha ainda como fim imediato derrubar a monarquia burocrática. Diferenciava-se, entretanto, das antigas revoluções burguesas, pelo fato de o elemento decisivo que se manifestava agora ser uma nova classe constituída sôbre a base de uma indústria concentrada, possuidora de nova organização e novos métodos de luta. A lei do desenvolvimento combinado se revela agora em sua expressão mais alta: começando por derrubar o edifício medieval apodrecido, a Revolução eleva ao poder, em poucos meses, o proletariado, encabeçado pelo Partido Comunista.

Assim, segundo as suas finalidades primeiras, a Revolução russa era democrática. Colocava porém, sob nôvo aspecto, o problema da democracia política. Enquanto os operários cobriam todo o país com os sovietes, nêles admitindo soldados e, parcialmente, camponeses, a burguesia continuava a negociar, perguntando se convocaria ou não a Assembléia Constituinte. À medida que formos descrevendo os acontecimentos esta questão se nos apresentará de modo mais concreto. Aqui pretendemos apenas fixar o lugar dos sovietes na sucessão histórica das idéias e das formas revolucionárias.

Em meados do século XVII, a revolução burguesa realizada na Inglaterra decorreu sob o envólucro de uma reforma religiosa. A luta pelo direito de rezar segundo um determinado livro de orações se identificou à luta levada a cabo contra o rei, a aristocracia e os príncipes da Igreja e Roma. Os presbiterianos e os puritanos estavam profundamente persuadidos de terem colocado os seus interêsses terrestres sob a égide da Divina Providência. Os fins pelos quais combatiam as novas classes confundiam-se indissolùvelmente, em suas mentalidades, com os textos bíblicos e com os ritos eclesiásticos. Os que emigraram para além dos mares consigo levaram esta tradição confirmada no sangue. Daí a excepcional vitalidade das interpretações do Cristianismo apresentadas pelos anglo-saxões. Vemos, ainda hoje, ministros "socialistas" da Grã-Bretanha esconderem a covardia sob os mesmos textos mágicos com que os homens do século XVII buscavam a justificação de sua coragem.

Na França, país que pulou sôbre a Reforma, a Igreja Católica, em sua qualidade de Igreja do Estado, conseguiu sobreviver até à Revolução, que foi buscar, não nos textos bíblicos mas em abstrações democráticas uma expressão e uma justificação para os desígnios da sociedade burguesa. Qualquer que seja o ódio dos regentes atuais da França pelo jacobinismo, a verdade é que, precisamente graças à ação rigorosa de um Robespierre é que êles ainda têm a possibilidade de dissimular a dominação dos conservadores que são, sob fórmulas que, outrora, fizeram explodir a velha sociedade.

Cada uma das grandes revoluções marcou uma nova etapa da sociedade burguesa assim como novas formas na consciência de suas classes. Assim como a França pulou por sôbre a Reforma, a Rússia

ultrapassou de um salto a democracia puramente formal. O partido revolucionário da Rússia, que poria uma pedra sôbre tôda uma época, procurou uma fórmula para os problemas da revolução não na Bíblia nem no cristianismo secularizado de uma democracia "pura", mas nas relações materiais entre as classes. O sistema deu a tais relações a expressão mais simples, a menos dissimulada, a mais transparente. A dominação dos trabalhadores encontrou pela primeira vez sua realização no sistema dos sovietes que, sejam quais forem as vicissitudes históricas que lhes está reservada, penetrou na consciência das massas de forma tão inextirpável quanto, em outros tempos, em outros povos, a Reforma ou a democracia pura.

pitulassem antes de qualquer escaramuça, e se evaporassem como se fôssem gôta d'água caída sôbre a chapa superaquecida de um fogão. Assim a experiência de uma insurreição de direita foi feita, também, e por um personagem que se achava à frente do exército; as relações de fôrças entre as classes possuidoras e o povo foram verificadas pela ação; e na alternativa Kornilov caiu como fruto apodrecido, se bem que Lenine, naquele momento, ainda se visse forçado a ocultar-se em profundo retiro.

Depois disto, que variante não utilizada, não experimentada, ou não verificada, poderia restar ainda? A variante do bolchevismo. Com efeito, após a tentativa de Kornilov e após seu fracasso vergonhoso, voltaram-se as massas tumultuosa e definitivamente para os bolcheviques. A Revolução de Outubro aproxima-se e se transforma numa necessidade física. Diferindo da insurreição de fevereiro, que se dizia não sangrenta, se bem que tivesse custado número considerável de vítimas a Petrogrado, a insurreição de outubro realizou-se na capital, efetivamente, sem derramamento de sangue. Não estamos por conseguinte autorizados a perguntar que provas seriam ainda precisas para que ficasse demonstrada a profunda razão de ser da Revolução de Outubro? E não está claro que ela não se pode parecer com o fruto da aventura ou da demagogia senão aos olhos daqueles que ela atingiu no mais sensível de todos os pontos: no bolso? A luta sangrenta só começa depois da conquista do poder pelos sovietes bolcheviques, quando as classes derrubadas, apoiadas materialmente pelos Governos da Entente, esforçam-se desesperadamente pela reconquista daquilo que perderam. Iniciam-se, então, os anos de guerra civil. O Exército Vermelho organiza-se. O país esfomeado é pôsto sob regime do comunismo de guerra, e transformado em acampamento de espartanos. A Revolução de Outubro, passo a passo, rompe seu caminho, repele todos os inimigos, ocupa-se em resolver seus problemas econômicos, trata dos mais graves ferimentos da guerra imperialista e da guerra civil, e chega, finalmente, aos mais consideráveis sucessos no domínio do desenvolvimento industrial. Surgem, entretanto, diante dela, novas dificuldades que procedem de seu isolamento no meio de poderosas nações capitalistas. As condições atrasadas de desenvolvimento que trouxeram o proletariado russo ao poder formularam, perante êste poder, problemas que, em essência, não podem ser completamente resolvidos nos quadros de um Estado isolado. A sorte dêsse Estado fica assim ligada à marcha ulterior da história do mundo.

Êste 1º volume, consagrado à Revolução de Fevereiro, mostra como e porque ela devia ficar reduzida a nada. O segundo e o terceiro volumes, mostrarão de que modo a Revolução de Outubro arrebatará a vitória.

Apêndice I

(AO CAPITULO I — PECULIARIDADES DO DESENVOLVIMENTO DA RÚSSIA)

A QUESTÃO das particularidades do desenvolvimento histórico da Rússia, e em função dêsse problema, a do futuro do país, colocavam-se na base de todos os debates que se travavam e de todos os agrupamentos que se formavam entre os intelectuais russos, durante quase todo o século XIX. Eslavófilos e ocidentalistas davam ao problema soluções contraditórias, porém igualmente categóricas. Mais tarde foram substituídos pelos *narodnik* e pelos marxistas. O "populismo", antes de se desvirtuar definitivamente sob a influência do liberalismo burguês, defendeu, tenazmente e durante muito tempo, a idéia de uma Rússia evoluindo ao longo de um caminho inteiramente original, desviado, a fim de evitar o capitalismo. Neste sentido os *narodnik* perpetuavam a tradição eslavófila, expurgando-a, entretanto, dos elementos monarquistas, clericais e pan-eslavistas, infundindo-lhe um caráter revolucionário-democrático.

No fundo, as concepções eslavófilas, apesar de suas feições reacionárias, e a concepção populista, com tôdas as suas ilusões democráticas, não eram apenas vãs especulações. Apontavam-se em indubitáveis e profundas particularidades da evolução da Rússia, porém unilateralmente interpretadas e inexatamente observadas. Na sua luta contra o populismo, e marxismo russo, que demonstrou a identidade das leis da evolução para todos os países, caiu freqüentemente em lugares-comuns dogmáticos, tal como se desejasse, juntamente com a água da banheira, despejar também a criança. Essa tendência manifesta-se particularmente em numerosos trabalhos do conhecido professor Pokrovsky.

Em 1922, Pokrovsky lançou-se contra as concepções históricas do autor do presente livro, concepções estas que constituíam a base da teoria da revolução permanente. Julgamos útil, pelo menos para os leitores que se interessam não só pela marcha dramática dos acontecimentos, como também pela doutrina da revolução, citar aqui algumas passagens essenciais de nossa réplica ao professor Pokrovsky, réplica publicada nos dois números do *Pravda*, órgão central do partido, a 1 e 2 de julho de 1922.

Pokrovsky publicou, a respeito de meu livro *1905*, um artigo — aliás, desfavorável! — demonstrando como é complexo *aplicar* os métodos do materialismo histórico à história viva da humanidade e também a que banalidades a História é freqüentemente reduzida por homens tão bem informados como Pokrovsky.

O livro criticado por Pokrovsky tinha por objetivo imediato pesquisar as bases históricas e a justificação teórica da palavra de ordem: "conquista do poder pelo proletariado", opondo-se esta palavra de ordem tanto à fórmula de uma república democrático-burguesa quanto à de um govêrno democrático proletário e camponês... Essa iniciativa ideológica provocou, do ponto de vista teórico a maior indignação de um grande número de marxistas, ou melhor, da sua esmagadora maioria. Tal indignação foi revelada não sòmente pelos mencheviques como também por Kamenev e pelo historiador bolchevique Rozhkov. Eis quais eram, em conjunto, os seus pontos de vista: O domínio político da burguesia deve preceder o domínio político do proletariado; a república democrático-burguesa deve històricamente constituir, para o proletariado, um lento período de aprendizagem; tôda tentativa que visa passar por cima dessa fase lança-nos na aventura; uma vez que a classe operária dos países ocidentais não foi capaz de conquistar, como poderia o proletariado russo atribuir-se semelhante tarefa? etc. etc. Do ponto de vista de um pseudomarxismo que se limita a banais constatações históricas e a fazer analogias puramente formais e que, nas diversas épocas, não consente em ver senão a sucessão lógica de rígidas categorias sociais (feudalismo, capitalismo, socialismo; autocracia, república burguesa, ditadura do proletariado), era natural que a conquista do poder pela classe operária da Rússia se apresentasse como a abjuração monstruosa do marxismo. Todavia uma estimativa empírica porém séria, das fôrças socialistas que se manifestaram de 1903 a 1905, sugeria imperiosamente a existência de imensa vitalidade na luta da classe operária pela conquista de poder. É ou não uma particularidade? Seria necessário tomar em consideração as profundas singularidades de tôda uma evolução histórica ou antes abandoná-las? Era assim que o problema se apresentava ao proletariado russo, isto é (que não desagrade a Pokrovsky) ao proletariado do mais atrasado país de tôda a Europa.

Em que consistia o atraso da Rússia? Seria porque, tàrdiamente, reproduzia a história dos países da Europa ocidental? E, neste caso, poder-se-ia falar em conquista do poder pelo proletariado russo? Entretanto, êste poder (permitam-me lembrá-lo) o proletariado russo o conquistou. Assim sendo, como se apresenta a questão? Do seguinte modo: o incontestável atraso da evolução russa, sob a influência e a pressão da cultura ocidental mais elevada, não conduz apenas a uma simples repetição do *processus* histórico da Europa ocidental, mas determina profundas *particularidades* que devem constituir, isoladamente, um assunto de estudo...

A profunda originalidade de nossa situação política, que conduziu à vitoriosa revolução de Outubro, antes do início de qualquer revolução na Europa, procedia das particularidades das relações de fôrças então existentes entre diversas classes e o poder do Estado. Quando Pokrovsky e Rozhkov discutiam com os populistas e os liberais, demonstrando-lhes que a organização e a política do tzarismo eram determinadas pela evolução econômica e pelos interêsses das classes possuidoras, tinham razão quanto ao essencial. Quando porém Pokrovsky tenta opor-me essa mesma tese, o alvo se apresenta muito mal.

Como resultado de nosso tardio desenvolvimento histórico, comprimido pelo cêrco dos imperialismos, sucedeu que a nossa burguesia não teve tempo de expulsar o tzarismo antes que o proletariado se tornasse uma fôrça revolucionária autônoma.

Ora, Pokrovsky nem mesmo coloca a questão que constitui para nós o tema central dêsse estudo.

Pokrovsky escreveu: "É extremamente sedutor desenhar a Moscou do século XVI sôbre o fundo geral das relações que, nessa época, existiam na Europa. Não se poderia melhor refutar um preconceito que dominou até hoje, mesmo entre os marxistas, a idéia de uma base econômica pretensamente "primitiva", sôbre a qual se tivesse edificado a autocracia russa". Lê-se adiante: "Mostrar essa autocracia em suas verdadeiras relações históricas, como um dos aspectos do regime comercial-capitalista da Europa... eis uma tarefa não sòmente muito interessante para o historiador como também de grande importância para a educação dos leitores: não há outro meio mais radical para acabar de uma vez com a lenda de um *processus* histórico russo de particular originalidade." Pokrovsky, como se vê, nega o caráter primitivo e atrasado de nosso desenvolvimento econômico e com êsse fim relega para o domínio da lenda a idéia de um processo histórico russo original. Ora, o que devemos notar aqui é que Pokrovsky se encontrava completamente hipnotizado pelo desenvolvimento relativamente importante do comércio da Rússia, no século XVI, cuja demonstração êle deu, assim como o fêz Rozhkov. É difícil compreender como Pokrovsky se deixou levar a semelhante êrro. Segundo êle, poder-se-ia acreditar, realmente, que o comércio é a base da vida econômica e que se fixa, incontestàvelmente, as suas medidas. O economista alemão, Karl Bücher, há cêrca de 20 anos, tentou encontrar no comércio (caminho intermediário entre o produtor e o consumidor) o critério de todo o desenvolvimento econômico. Struve, é claro, apressou-se em introduzir essa "descoberta" na "ciência" econômica russa. A teoria de Bücher encontrou, entre os marxistas, já naquela época, uma resistência perfeitamente natural. Nós procuramos os critérios de desenvolvimento econômico na produção — técnica e organização social do trabalho — porém o caminho que o produto percorre entre o produtor e o consumidor é por nós considerado como um fato de ordem secundária, cujas origens ainda é preciso descobrir nas próprias condições da produção.

A grande expansão, pelo menos em superfície, de comércio russo, no século XVI, explica-se — por mais paradoxal que tal explicação possa parecer em relação ao critério dos Bücher e dos Struve — precisamente pelo caráter extremamente primitivo e atrasado da economia russa. Na Europa ocidental, a cidade era dominada pelas corporações de artesãos e pelas guildas. As guildas de mercadores eram associações medievais de caráter mutuário, cuja finalidade essencial consistia em garantir privilégios já adquiridos pela classe, tais como certos monopólios e certas isenções de taxas. Ora, as cidades russas eram antes de tudo centros administrativos e militares e, por conseguinte, centros de consumo, e não de produção. As instituições corporativas de artesanato ocidental formaram-se quando o desenvolvimento econômico já havia alcançado um nível relativamente elevado, enquanto que todos os processos essenciais da indústria manufatureira se tinham separado da agricultura, tinham encontrado sua autonomia de ofícios, tinham criado suas organizações, fixado o seu centro — a cidade, mercado (provincial, regional) — limitado em seus primórdios, porém estável. Na base da cidade medieval da Europa existia, portanto, uma diferenciação econômica relativamente elevada que determinou mútuas relações entre a cidade-centro e a periferia agrícola. Ora, o nosso atraso econômico manifestava-se principalmente no fato de que o artesanato, não se libertando da agricultura, permaneceu na fase dos pequenos ofícios rurais. Neste ponto estávamos mais próximos da Índia do que da Europa, assim como as nossas cidades medievais eram mais asiáticas do que européias e nossa autocracia, ocupando um lugar intermediário entre o absolutismo das monarquias européias e o despotismo asiático, aproximava-se mais, sob alguns aspectos, dos últimos.

Levando em conta a imensidade dos espaços que ocupamos e a pequena densidade demográfica (não é isso também um índice suficientemente objetivo de nosso atraso?), a troca de produtos estava subordinada ao papel de intermediário de um capital comercial da maior envergadura. A expansão de nosso comércio era possível exatamente porque o Ocidente, por se encontrar num grau mais elevado de evolução, tinha necessidades complexas, enviava seus intermediários, expedia mercadorias e, dêste modo, impulsionava o nosso movimento comercial mesmo sôbre nossas bases econômicas absolutamente primitivas e até consideràvelmente bárbaras. Quem não se apercebesse desta muito importante particularidade de nosso desenvolvimento histórico nada teria compreendido do conjunto de nossa história.

Tive um patrão na Sibéria. Durante dois meses anotei nos seus livros de contabilidade os *puds* e as *arshines* de mercadorias. Êste homem chamava-se Jakob Andreievich Chernykh. Isto não se passava no século XVI mas no início do século XX. Meu patrão gozava de uma autoridade quase ilimitada no distrito de Kirensky, graças às suas importantes transações comerciais. Comprava peles aos tunguzes; percebia parte dos dízimos dos popes dos lugarejos longínquos e trazia das feiras de Irkutsk ou de Nizhni-Novgorod, tecidos de algodão; seu principal comércio era, entretanto, o da vodca. (Naquela época, no govêrno de Irkutsk ainda não vigorava o monopólio de Estado.) Jakob Andreievich não sabia ler mas era milionário (as fileiras de zeros de então pesavam muito mais do que as de hoje). A "ditadura" que êle exercia, como representante do capital mercantil, era incontestável. Quando falava dos tunguzes a sua expressão não era outra senão: "meus pequenos tunguzes". As cidades de Kirensk, de Verkholensk, de Nizhni-Ilimsk eram apenas lugares residenciais das autoridades de polícia, dos mercadores endinheirados que viviam em dependência hierárquica uns dos outros, de pequenos funcionários de tôda espécie e, enfim, de um certo número de miseráveis artesãos. Não encontrei organizações de ofícios que constituem as bases vivas de uma economia urbana; nem corporações, nem festas corporativas, nem guildas, apesar de Jakob Andreievich estar oficialmente inscrito como membro da "Segunda Liga". Na verdade, êste fragmento de vida apanhado na realidade siberiana, leva-nos a compreender as particularidades históricas do desenvolvimento da Rússia, bem mais profundamente do que as explicações de Pokrovsky: as operações comerciais de meu Jakob Andreievich estendiam-se desde o curso médio do Lena e de seus afluentes da margem oriental até Nizhni-Novgorod e, talvez mesmo, até Moscou. São poucas as formas comerciais do continente europeu que podem marcar no mapa tal expansão de seus negócios. Entretanto, êste ditador do negócio, que perante os camponeses siberianos passava por um potentado, era a personificação mais completa, a mais convincente, de nossa economia atrasada, bárbara, primitiva, em meio de uma população pouco densa, numa região onde os burgos e as aldeias estão dispersos e ligados entre si apenas por caminhos impraticáveis que, na primavera e no outono, em virtude do degêlo ou das chuvas, transformam-se em pântanos que bloqueiam, durante dois meses, distritos, cantões e comunas; numa região, enfim, onde a ignorância crassa revelava-se universal sem mencionar muitas outras inferioridades. Se Chernykh, como comerciante, pôde elevar-se tão alto, apoiando-se na barbárie que reinava nessa região do Lena, foi graças do impulso ocidental — no caso, da velha Rússia, da Moscovia — que arrastava após si a Sibéria: uma economia inteiramente primitiva de nômades habituou-se aos despertadores fabricados em Varsóvia.

As corporações de artesãos constituíam, na Idade Média, a base da cultura urbana e esta irradiava sôbre os campos. A ciência medieval, a escolástica e a Reforma, desenvolveram-se nos terrenos das corporações dos artesãos. Nada disso se deu entre nós. Certamente formações embrionárias, indícios, sistemas, podem ser assinalados; no Ocidente, porém, não se tratava de indícios; ali existia uma poderosa formação econômica e cultural, cuja base eram as corporações. Era sôbre esta base que se erigia, na Idade Média a cidade européia, e ainda sôbre esta base é que a cidade, ao crescer,

entrava em luta com a Igreja e com os senhores feudais e, contra êste último, auxiliava a monarquia. Foi ainda a cidade que criou uma técnica, a das armas de fogo, condição primeira da formação dos exércitos permanentes.

Onde encontraríamos, na Rússia, cidades cujo artesanato, corporativamente organizado, lembrasse, mesmo de longe, o que existia na Europa Ocidental? Onde poderíamos ter visto, entre nós, a cidade combater o regime feudal? Seria lutando contra aquêle regime que a cidade industrial e mercantil lançaria bases favoráveis ao desenvolvimento da autocracia russa? Nenhuma luta dêste gênero deu-se entre nós, devido mesmo ao caráter de nossas cidades, assim como não houve, em nosso país, Reforma religiosa. Será isso uma particularidade ou não?

O artesanato, entre nós, permaneceu assim no estágio dos ofícios aldeãos, isto é, não se diferenciou da classe agrícola. A Reforma religiosa, essa também, estacionou nas seitas camponesas por não ter encontrado direção do lado das cidades. Tudo isso é primitivo e atrasado: são verdades gritantes...

Se o tzarismo se erigiu em organização de Estado, independente, (relativamente independente, repitamos, dentro dos limites da luta entre as fôrças vivas históricas no terreno da economia), não foi com o auxílio de poderosas cidades, em oposição a poderosos senhores feudais; foi — apesar da penúria industrial absoluta de nossas cidades — graças à debilidade do feudalismo no nosso país.

Por sua estrutura social, a Polônia constituía uma transição entre a Rússia e o Ocidente, assim como a Rússia ocupava um lugar intermediário entre a Europa e a Ásia. Nas cidades polonesas, a organização corporativa dos ofícios era bem mais difundida do que entre nós. As cidades polonesas, porém, não se elevaram a ponto de conseguir auxiliar o poder real para com êle derrubar os senhores feudais. O poder de Estado permaneceu diretamente subordinado à nobreza. Resultado: completa impotência do Estado e conseqüente desagregação.

O que acabamos de dizer do tzarismo concerne também ao capital e ao proletariado: não se compreende por que Pokrovsky descarrega a sua cólera ùnicamente no primeiro capítulo, que trata do tzarismo. O capitalismo russo não se desenvolveu a partir do artesanato, para passar da manufatura à fábrica: e foi por isso que o capital europeu, inicialmente sob a forma de capital comercial, depois, sob a forma de capital financiador e industrial, caiu sôbre nós, num período em que o artesanato russo, em seu conjunto, ainda não se havia dissociado da agricultura. Daí surgiu, entre nós, uma indústria capitalista bastante moderna, no ambiente de uma economia absolutamente primitiva: uma fábrica belga, ou americana, mas, em derredor, lugarejos, aldeias com casas de madeira, cobertas de colmo e que, todos os anos, eram destruídas por incêndios e por muitas outras desgraças... Os mais antiquados elementos, ao lado das últimas realizações européias. Daí o papel imenso desempenhado

pelo capital da Europa ocidental na economia russa. Daí a fragilidade da burguesia russa. Daí a facilidade com que destruímos a nossa burguesia. Daí as dificuldades que surgiram, quando a burguesia européia interveio em nossos negócios...

Que dizer de nosso proletariado? Terá passado pela escola medieval das confrarias de aprendizado? Existirão nêle tradições corporativas seculares? Nada de parecido. Lançaram-no diretamente à fornalha, assim que o retiraram de seu arado primitivo... Daí a ausência de tradições conservadoras, a ausência de castas, mesmo entre o proletariado, e a juventude do espírito revolucionário; daí, entre outras causas eficientes, Outubro e o primeiro govêrno proletário que existiu no mundo. Mas daí, também, o analfabetismo, a mentalidade atrasada, a deficiência de hábitos de organização, a incapacidade de trabalhar sistemàticamente, a falta de educação cultural e técnica. A cada passo nos ressentimos dessas inferioridades na nossa economia e na nossa edificação cultural.

O Estado russo esbarrava contra as organizações militares das nações ocidentais, cujas bases econômicas, políticas e culturais, eram mais sólidas. Do mesmo modo, o capital russo, desde seus primeiros passos, chocou-se contra o capitalismo muito mais desenvolvido e muito mais poderoso do Ocidente, e foi submetido por êste último. Do mesmo modo, a classe operária russa, desde seus primeiros passos, encontrou instrumentos inteiramente acabados, devidos à experiência do proletariado da Europa ocidental: teoria marxista, sindicatos, partido político. Quem quer que explique a natureza e a política da autocracia, ùnicamente em função dos interêsses das classes possuidoras russas, esquece que, aparte os cultivadores atrasados, menos ricos e mais ignorantes que existiam na Rússia, o país sofria a exploração de europeus mais ricos e mais poderosos. As classes possuidoras da Rússia tinham conflitos com as classes possuidoras da Europa, que lhes eram inteira ou parcialmente hostis. Êsses conflitos desencadeavam-se através das intervenções do Estado. Ora, o Estado era a autocracia. Tôda a estrutura e tôda a história da autocracia teria sido diversa, se as cidades européias não tivessem existido, se a Europa não houvesse "inventado a pólvora" (esta invenção não é nossa), se a Bôlsa européia não tivesse agido.

Em seu último período de existência, a autocracia não foi sòmente o órgão das classes possuidoras da Rússia: ela servia também à Bôlsa européia para a exploração de nosso país. Êste duplo papel garantia-lhe ainda uma apreciável independência que se manifestou nìtidamente em 1905 quando a Bôlsa de Paris, para sustentar a autocracia concedeu-lhe um empréstimo a despeito dos protestos dos partidos da burguesia russa.

O tzarismo foi derrotado na guerra imperialista. Por quê? Porque o nível de produção que lhe servia de base era demasiadamente atrasado *(estado primitivo)*. Em relação à técnica militar, o tzarismo esforçava por manter-se à altura dos últimos aperfeiçoamentos. Era ajudado, de todos os modos, por aliados, mais ricos e mais cultos. Graças a êste auxílio o tzarismo dispôs, durante a

mesmo aconteceu com todos os outros órgãos de administração autônoma da democracia. Apenas surgidos e já se mostravam incapazes devido ao atraso. Isto significava que a marcha da Revolução dependia dos operários e dos soldados e não da poeira humana que o vendaval da Revolução levantava e fizera turbilhonar.

Tal é a dialética profunda e ao mesmo tempo simples do despertar revolucionário das classes oprimidas. A mais perigosa das aberrações de democracia faz apenas uma simples adição dos fatos da véspera, do dia de hoje e do dia de amanhã, levando os democratas formais à procura da cabeça da revolução lá onde, em realidade, se encontra o pesado traseiro. Lenine ensinava o seu partido a diferençar a cabeça do traseiro.

página 366 confira!

Apêndice II

(AO CAPÍTULO XVI — O REARMAMENTO DO PARTIDO)

No diário nova-iorquino, *Novy Mir*, destinado aos operários russos da América, o autor da presente obra tentou fazer uma análise e apresentar um prognóstico do desenvolvimento da Revolução, baseado nas ínfimas informações da imprensa americana. "A história íntima dos acontecimentos que se sucedem", escrevia o autor a 6 de março de 1917 (antigo calendário), "só é conhecida por nós através dos fragmentos e das alusões que se infiltraram nos telegramas oficiais." A série de artigos consagrados à Revolução foi iniciada a 27 de fevereiro e termina a 14 de março, por motivo de ter o autor deixado Nova Iorque. Citamos abaixo, selecionadas daquela série e em ordem cronológica, trechos que podem dar uma impressão aproximada das idéias que, sôbre a Revolução, tinha o seu autor, ao chegar à Rússia, a 4 de maio.

27 de fevereiro: *"Um govêrno desorganizado, comprometido, desaparelhado, um exército definitivamente desmoralizado; o descontentamento, a incerteza, o mêdo, entre as classes possuidoras; uma profunda exasperação entre as classes populares; um proletariado maior em número, temperado ao fogo dos acontecimentos — tudo isso nos dá o direito de dizer que somos testemunhas de uma Segunda Revolução russa. Esperemos que muitos dentre nós venham a ser participantes."*

3 de março: *"Os Rodzianko e os Miliukov cedo demais falaram em ordem e não será amanhã que a calma reinará novamente na Rússia conturbada. Camada após camada, o país agora se levantará — todos os oprimidos, os deserdados, espoliados pelo tzarismo e pelas classes dirigentes — por tôda a imensurável extensão das terras russas, cárcere de povos. Os acontecimentos de Petrogrado são apenas o início. À frente das massas populares da Rússia, o proletariado revolucionário realizará sua obra histórica: êle expulsará de todos os seus refúgios os reacionários monárquicos e aristocráticos e estenderá sua mão aos proletários da Alemanha e de tôda a Europa. Porquanto é necessário liquidar não sòmente o tzarismo mas também a guerra.*

"A segunda vaga da Revolução passará breve, sôbre as cabeças dos Rodzianko e dos Miliukov, preocupados em restabelecer a ordem